

***Acta Alexandrinorum*: uma “análise arqueológica” do gênero**

Joana Campos Clímaco

Mestranda em História, Universidade de São Paulo

A idéia para o presente estudo surgiu após a leitura de um texto de Matthew H. Johnson, em que o autor discute, entre outros assuntos, a relação entre arqueologia e história. Johnson ressalta que recentemente a história aumentou muito o seu leque de documentação e, por isso, não considera mais como vestígio histórico apenas documentos escritos, assim, as duas disciplinas se aproximaram muito e perderam um pouco sua identidade. Além disso, evidências materiais e documentais podem se inserir em contextos de produção social e cultural muito semelhantes. Assim, a nossa interpretação acerca dos dois tipos de vestígios é parcial e subjetiva e é possível na medida em que analisamos a condição de produção e a realidade sócio-cultural em que os vestígios foram produzidos. Johnson propõe então, uma “análise arqueológica dos documentos”, que seria a interpretação de fontes escritas no que se refere ao seu contexto de criação, já que: “Se cultura material é texto, texto também é cultura material”¹. Assim, ao tratar os dois tipos de vestígios como construções, não podemos estabelecer uma relação hierárquica entre eles, já que ambos resultam de um processo de criação e dependem de interpretações *a posteriori*².

Pedro Paulo Funari ressalta que os arqueólogos devem ler e interpretar tanto vestígios escritos quanto materiais de um modo muito semelhante, ou seja, a análise dos dois tipos de evidências é também filológica³. Assim, o sentido de algo não está dado *a priori*, são os leitores, que devem dar voz aos sentidos possíveis de seu objeto. Segundo Michel Foucault, ao analisar um texto, é importante analisar também toda a teia externa que uma formação discursiva a respeito de algum objeto pressupõe⁴.

David B. Small acredita que o estudo de textos e vestígios arqueológicos deve ser realizado de maneiras diferentes, já que eles geralmente são produzidos em contextos diversos. No entanto, o autor concorda que ao analisar ambos notamos a ambigüidade dos

¹ “Rethinking historical archaeology” in: Pedro P. Funari, Martin Hall e Siân Jones. *Historical Archaeology: Back from the Edge*. New York: Routledge, 1999. P.31.

² Jones, “Historical categories, the praxis of identity” in: idem, p.223.

³ Funari, “Historical archaeology from a world perspective” in: idem, p.39.

⁴ Michel Foucault. *A arqueologia do saber*. Petrópolis: Vozes, 1971. Pp.63-64.

dois tipos de vestígios, que demonstram a complexidade das estratégias sociais envolvidas e seus agentes criadores⁵.

Assim, o que propomos aqui é uma tentativa da análise das categorias, objetivos e jogos de poder que estavam por trás da formação da fonte, uma “análise arqueológica dos textos”. Faremos isso, partindo da argumentação de Foucault, que supõe “(...) que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e domínios, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade”⁶.

Pretendo realizar aqui uma breve análise das fontes com as quais estou trabalhando no mestrado no que se refere à sua condição de produção. A documentação a que me refiro é um gênero historiográfico pouco conhecido, intitulado *Acta Alexandrinorum* ou *Atos dos Mártires Pagãos*. O que dispomos de tal literatura se restringe a alguns fragmentos de papiro, dos quais alguns apresentam mais de uma versão, publicados, traduzidos e comentados por Herbert Musurillo⁷. Tal análise me parece especialmente importante para a documentação, já que não conhecemos sua autoria e muito pouco de sua circulação. Cada texto dos *Acta* ilustra um episódio isolado e o conjunto dos textos cobre um período aproximado de duzentos anos (referentes aos sécs. I e II d.C.).

Os textos encontrados são provenientes da segunda metade do séc. II e início do III. Assim, embora alguns dos textos tenham sido escritos num período próximo ao do episódio que narram, a maioria é consideravelmente distante. Musurillo argumenta que é provável que os textos originais tenham sido compostos separadamente no decorrer do séc. I e II, e a partir desses, tenham sido readaptados em várias ocasiões, provavelmente para responderem as exigências do contexto mais específico⁸. No entanto, apenas sobreviveram os textos mais tardios, o que não deve ser mera coincidência e pode sugerir que mesmo que eles sejam cópias de originais do séc. I, sua popularização e divulgação foram mais tardias. Esse é o primeiro aspecto que questionaremos: a distância cronológica entre o contexto de produção (ou popularização) e os eventos a que os *Acta* referem, por que esse espaço?

Outra questão que também deve ser analisada é o alcance da circulação da documentação? Além disso, a possível autoria dos textos, seus propósitos, seu público-alvo

⁵ David B. Small. “The tyranny of the text: lost social strategies in current historical period archaeology in the classical Mediterranean” in: *Historical Archaeology*, op.cit. p.134.

⁶ Michel Foucault. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1971. P.81.

⁷ Herbert Musurillo. *Acts of the Pagan Martyrs*. New York: Oxford University Press, 1954.

e como essa documentação se situa no contexto imperial romano e por que é especial. Acredito que para que a interpretação dos textos seja mais rica, deve-se analisar o quadro mais amplo em que a documentação se insere.

Todos os textos se referem à Alexandria nos dois primeiros séculos de domínio romano. A maioria dos documentos descreve julgamentos de alguns cidadãos de destaque da elite grega de Alexandria (alexandrinos) diante dos imperadores. Outros se referem a embaixadas e petições enviadas a Roma, algumas envolvendo disputas entre os alexandrinos e membros da comunidade judaica. Quase todos os diálogos estão escritos em discurso direto e alguns apresentam ainda uma breve nota introdutória a respeito do episódio, outros ainda estão estruturados em forma de narrativa.

Alguns são mais formais e aparentemente baseiam-se em atas judiciais e documentos oficiais, enquanto outros tem uma carga literária mais evidente. Fergus Millar argumenta que muitos éditos imperiais eram copiados para servirem a leituras privadas e, muitas vezes, entravam em circulação como textos literários. Principalmente aqueles que serviam a algum interesse mais visível, ou que poderiam exercer alguma influência mais direta sobre determinados grupos⁹. Assim, deve-se destacar a coloração mais literária de alguns dos textos para reforçar certas idéias, o que não pode servir para negar sua historicidade.

Poucos textos citam os nomes dos imperadores e das pessoas envolvidas, sendo o nome dos imperadores mais raro que o dos alexandrinos envolvidos. Assim, em apenas alguns dos textos pode-se precisar o contexto mais específico, enquanto na maioria isso não fica claro. Observa-se então, que os documentos são muito heterogêneos, no que se refere ao estilo, ao formato e ao conteúdo mais enfatizado, o que leva a crer que eles não sejam de autoria única (apesar de isso não ser um consenso entre os historiadores). Por exemplo, os que se referem a um período mais tardio têm um tom mais anti-romano, já os que se referem ao séc. I expressam um forte antijudaísmo. Uma possibilidade para essa mudança de tom é o fato da comunidade judaica ter diminuído consideravelmente em Alexandria após a revolta de 115-117 sob Trajano (numericamente e em influência). Assim, o judaísmo era uma questão “já resolvida”, os ânimos agora deveriam se voltar contra os romanos.

Com o domínio romano, Alexandria deixa de ser a capital real da dinastia ptolomaica para tornar-se capital da província do Egito. Assim, a cidade que anteriormente dispunha

⁸ Idem, p.274.

⁹ Fergus Millar. *The Emperor in the Roman World: 31 BC – AD 337*. London: Duckworth, 1977. Pp.255-256.

de considerável autonomia, devido a sua organização institucional essencialmente grega, passa agora a depender em última instância dos dirigentes romanos. A aproximação entre as elites provinciais e o poderio romano era, em geral, muito sutil, pois o Império dependia dessas elites para estabelecer seu domínio. Assim, a princípio, muito pouco se alterou na organização mais estrutural das províncias e, com isso, a infiltração dos oficiais romanos foi facilitada e até apoiada. No entanto, aos poucos, no caso específico de Alexandria, os alexandrinos começam a ressentir a perda da autonomia de decisões de sua cidade, pois muito dependia agora do consentimento do imperador. Além disso, intensificam-se também os conflitos por *status* entre os outros “grupos sociais” da cidade, principalmente entre alexandrinos e judeus, já que estes começam a conquistar privilégios antes restritos àqueles. Assim, os *Acta* se inserem nesse contexto de posição “indecisa” dos alexandrinos (representados pelos membros do ginásio) diante do poderio romano. Indecisa por se caracterizar de forma ambígua, ora demonstrando apoio ao Império, ora ressentimento e resistência ao mesmo. Assim, o modo de se relacionar com os romanos e a forma de ilustrá-los dependeria muito do contexto mais específico e dos interesses em jogo.

O que está mais ilustrado nos *Acta* é a relação de Alexandria com o poderio imperial romano. Entretanto o modo de se comportar diante do mesmo varia muito de um documento para outro. Na maioria dos textos, o trato com os imperadores é de desafio e por vezes de desrespeito e ofensa. No entanto, em alguns o tom desafiante é muito sutil e está até ausente, pressupondo que a crítica ao Império não deveria ser sempre declarada. Ou seja, às vezes era suficiente apenas ilustrar problemas e episódios ocorridos em Alexandria, sem a necessidade da denúncia mais aberta.

Além da atitude desafiante diante do Império, é também algo muito característico nos *Acta* a ênfase na importância de Alexandria, de sua autonomia, ou seja, um ressentimento em relação à nova situação da cidade, que já não dispõe do mesmo poder e prestígio do período ptolomaico¹⁰. Em alguns documentos nota-se um sentimento antijudaico, por eles estarem conquistando alguns privilégios antes restritos a elite grega, ou seja, nesses textos,

¹⁰ Outro ponto que deve ser mencionado é o fato dos membros do ginásio de Alexandria não se definirem como gregos e sim como alexandrinos. Isso sugere uma consideração, de que essa elite do ginásio, com óbvios vínculos com a tradição cultural grega e respeito a essa origem se definia como algo independente dela. Assim, o que se pretendia realçar era a ligação desses alexandrinos com a cidade, além de sua posição de destaque nela, juntamente com a autonomia de Alexandria e sua importância no mundo mediterrâneo. Dessa forma, a herança grega está presente na construção da identidade desses alexandrinos, mas no contexto em questão isso já seria algo secundário, o mais importante agora seria afirmar a importância da cidade em sua especificidade e com sua elite própria e característica, assim a ênfase estava na exaltação da cultura alexandrina e do que ela teria de próprio.

a crítica imperial toma a forma de crítica a outro grupo social, muito significativo na cidade. O desprezo aos egípcios está presente em alguns textos. No entanto, Outro ponto que parece bem expresso nos fragmentos ao nosso alcance é a relação entre imperador e província. A caracterização do imperador, a forma como os alexandrinos se referem a ele, o que era esperado de sua posição e de seu poder, e como esse poder gerava também um tipo de resistência muito específica, são mais alguns pontos que podemos realçar nos documentos.

Em suma: os *Acta* lançam luz sob muitos aspectos referentes à vida cívica na cidade em um momento peculiar e sob sua configuração como um verdadeiro “mosaico étnico”, uma cidade que colocou em contato gregos, judeus, romanos e egípcios, ou seja, uma diversidade de grupos sociais que caracterizou e definiu toda a história de Alexandria.

No reinado de Augusto, as mudanças instituídas são sutis e não facilmente perceptíveis e fez parte de suas estratégias de conquista a aproximação das elites provinciais. Dessa forma, no primeiro século de domínio imperial no Egito, medidas cautelosas foram tomadas pelo império no que se refere ao modo de tratar essas elites. Milne argumenta que o Egito deixa de ser uma unidade quase auto-suficiente economicamente e se torna tributariamente dependente de Roma. Sua riqueza não mais se concentra no país, mas sai de lá para beneficiar Roma, algo que já seria motivo de ressentimento¹¹. No entanto, apesar da mudança política no Egito, o primeiro século de domínio romano foi de grande desenvolvimento econômico no país, e, de forma geral, a situação no país era pacífica. O porto de Alexandria ainda era o maior do mundo e a cidade a mais rica, apesar de dependente. Além disso, sua cultura e sua posição como centro de produção de conhecimentos eram muito admirados em Roma¹². Alan Bowman sugere que no período romano, Alexandria teve seu apogeu economicamente, no entanto, no cenário cultural, muito foi perdido e, além disso, começa a haver na cidade muitas disputas por *status* entre gregos e judeus¹³. A princípio, os privilégios dos alexandrinos eram imensos e eles são caracterizados por Bowman como aliados dos romanos e não submissos, devido a sua identificação cultural com os mesmos¹⁴. Além disso, pelos romanos ainda estarem afirmando a anexação, eles confiavam nos alexandrinos como “auxiliares” na

¹¹ Joseph G. Milne. *A History of Egypt under Roman Rule*. London: Methuen & Co, 1898. P.151.

¹² John Marlowe. *The Golden Age of Alexandria*. London: Victor Gollancz, 1971. P.214.

¹³ Alan K. Bowman. “Egypt” in: Alan K. Bowman et alii. *The Cambridge Ancient History. The Augustan Empire, 43BC – 69AD*. Volume X. Cambridge: Cambridge University Press, 1996. Pp.699-700.

¹⁴ Alan K. Bowman e Dominic W. Rathbone. “Cities and administration in Roman Egypt” in: *Journal of Roman Studies* 82, 1992. P.116.

administração da província. Em suma: apesar da perda de autonomia e da importância cultural da cidade, ela ainda se destacava economicamente e sua elite ainda tinha muitos compromissos com os romanos.

No séc.II, os sinais de que o desenvolvimento estava ficando mais lento ficam evidentes¹⁵. Além disso, Alexandria já não tem tanto destaque em relação às outras cidades do Egito, conseqüentemente a insatisfação em relação ao império torna-se mais nítida. Além disso, nos séculos I e II a repressão dos romanos às manifestações de resistência ao império era mais rígida. A censura contra quem ameaçasse a estabilidade de opiniões era dura, no séc.III as atitudes repressivas diminuem e são mais toleradas¹⁶. Assim, os alexandrinos poderiam ter se aproveitado desse momento para se posicionar, já que além da situação geral do país ter piorado, a tolerância a manifestações contrárias ao Império tinha aumentado. Toda essa nova situação pode ajudar a explicar a distância temporal que separa a publicação dos *Acta* dos episódios que eles narram. Pode também explicar o fato de que os textos que se referem a esse período serem mais nitidamente anti-romanos. Os autores dos textos se aproveitariam então do momento propício, para relembrar e popularizar certos episódios que teriam ocorrido até dois séculos antes e que não haviam sido mencionados por todo o contexto imperial anterior.

No início do séc.III dois episódios mais pontuais sugerem ainda mais a possível insatisfação dos alexandrinos em relação ao poder imperial. O primeiro se refere às mudanças que Sétimo Severo teria instituído no Egito no oitavo ano de seu reino, quando visita o país. Ele concede uma *boulé* aos alexandrinos no ano 200-201, além de realizar uma série de mudanças administrativas e institucionais¹⁷. A questão da *boulé* pode ter gerado nos alexandrinos um sentimento duplo: se por um lado estavam satisfeitos, já que há tanto tempo pediam a concessão da mesma aos imperadores, pelo outro, a conquista da instituição tinha sido generalizada a todas as metrópoles do Egito, o que pôde ser vista pelos alexandrinos como uma perda de importância, fazendo com que Alexandria se destacasse menos em relação às outras cidades.

¹⁵ Milne, op.cit. pp.56-57.

¹⁶ Ramsay Macmullen. *Enemies of the Roman Order*. London/New York: Routledge, 1992. P.156.

¹⁷ A questão da *boulé* é uma das mais polêmicas e que geram discórdias na história de Alexandria. O mais provável é que no momento de fundação da cidade, ela teria recebido a instituição de Alexandre e a teria perdido posteriormente ainda no período ptolomaico, mas sabe-se muito pouco o motivo da perda. Alguns argumentam que Augusto teria tirado a instituição dos alexandrinos, algo que não encontra fundamentação nas fontes. Sabe-se, entretanto, que no período romano a instituição só foi concedida aos alexandrinos com Sétimo Severo.

Musurillo considera que um dos objetivos dos *Acta* e o maior motivo de queixa contra os romanos era a recusa destes na concessão da *boulé*, assim, depois de sua conquista, a propaganda anti-romana teria diminuído¹⁸. No entanto, muitos textos ainda continuaram sendo copiados depois desse período, o que faz com que esse ideal como motivador maior da propaganda seja questionável. Além disso, apenas um dos textos trata especificamente da questão da *boulé*. Mas pelo outro lado, uma instituição como essa deveria ter grande simbologia para os gregos da cidade no que se refere ao retorno a sua autonomia, assim a sua concessão pode ter gerado um sentimento misto entre os alexandrinos (de satisfação, mas também de questionamento). Bowman sugere que mesmo que a cidade ainda gozasse de considerável reputação fora do Egito, lá dentro ela perdia seu brilho diante de tais medidas¹⁹. O séc.III se caracteriza ainda por um momento de maior “incremento” na burocracia das províncias e por uma crise generalizada no império (econômica e política)²⁰. Assim, tantas mudanças instituídas em Alexandria, vindas “de fora para dentro” podem ter sido consideradas como afrontas para os alexandrinos.

O segundo episódio é o massacre dos alexandrinos por Caracalla em 215. O motivo teria sido a ridicularização do imperador por estes, devido a sua pretensão à fama imortal, aparentemente foram os egípcios que se rebelaram nesse momento²¹. No entanto, a destruição na cidade foi bem ampla e as medidas que o imperador teria instituído após os problemas se estenderam à cidade como um todo (tropas permanentes de vigília na cidade, abolição de órgãos públicos, etc.). Observamos então, que não parece ser mera coincidência o fato dos alexandrinos resolverem se manifestar com mais intensidade contra os romanos nesse período. Vemos então que para analisar tal documentação não basta ler e interpretar os textos temos que questionar os contextos políticos e sociais em que eles foram produzidos, além das posições e interesses de seus autores e audiências e o papel ativo que esse tipo de texto pode ter desempenhado²².

No que se refere à autoria dos *Acta*, o mais provável é que ela seja obra dos membros do ginásio de Alexandria, os alexandrinos de maior destaque na cidade e que provavelmente mais perderam com a conquista romana, representando assim, o seu maior foco de resistência. O ginásio era o centro da vida cívica grega e representava também uma

¹⁸ Musurillo, op.cit. p.277.

¹⁹ Bowman e Rathbone, op.cit. p.127.

²⁰ Harold I. Bell. “Egypt from Alexander the Great to the Arab conquest”. Oxford: Greenwood, 1977. P.193.

²¹ Naphtali Lewis. *Life in Egypt under Roman Rule*. Oxford: Clarendon Press, 1983. Pp.201-202.

²² Henry S. Jones. “Claudius and the Jewish question at Alexandria” in: *Journal of Roman Studies* 16, 1926. P.223.

instituição de formação intelectual e física. E provavelmente, os homens gregos letrados, teriam recebido essa formação no ginásio (escavações arqueológicas confirmam a abundância de papiros nesses locais)²³. Bell os define como a “elite da elite”²⁴. No período romano, pela ausência de uma *boulé* na cidade, deixando uma espécie de “vácuo” de representação política, observamos que o ginásio se destaca, além de socialmente, também na esfera política²⁵. Importantes questões eram lá decididas, além de serem os seus membros os principais representantes de embaixadas e petições a Roma. Assim, o mais provável é que os autores dos *Acta* fizessem parte desse círculo, pois além dos argumentos expostos acima, é freqüente nos textos a citação a eles, seus julgamentos e condenações.

Ramsay Macmullen sugere que geralmente os grupos antiimperiais eram nobres que se afastavam e discordavam dos romanos apenas politicamente. Ressalta ainda, que a oposição ao império se expressava mais através da hostilidade a pessoas específicas, que se identificavam num sentido cultural e social aos romanos. Não são “classes” que se opõem e se odeiam, daí a cautela nas manifestações, que não se expressam como resistência ao domínio romano como um todo, mas apenas à pessoa específicas²⁶. Observa-se no estilo de escrita dos *Acta*, muita influência de escolas filosóficas e de vários gêneros literários gregos acessíveis a esse círculo na época. É difícil falar de uma influência mais direta, já que os membros do ginásio teriam tido acesso (pela tradição do Museu e da Biblioteca) a muito das antigas tradições literárias gregas. A educação grega e versada em retórica permitiria que as elites se aproximassem mais dos imperadores e conseguissem se fazer ouvir por eles²⁷. Musurillo argumenta que o que mais diferencia os *Acta* de outros gêneros são as questões relacionadas à denúncia contra Roma, um ideal que teria atingido com tal força que fez com que o gênero fosse caracterizado como a propaganda antiimperial mais violenta de que se tem notícia²⁸.

No que se refere à circulação dos *Acta*, ela é visível pela variedade de locais em que os textos foram encontrados. Alguns foram descobertos em Alexandria, muitos em Oxirrinco, outros no Fayum e em diferentes locais do Egito. Macmullen acredita que esse é um indício de que os textos foram editados e copiados várias vezes²⁹. O autor sugere que a

²³ Maurice Sartre. *El Oriente Romano. Provincias y sociedades provinciales del Mediterráneo Oriental. De Augusto a los Severos (31a.C. - 235 d.C.)*. Madrid: Akal, 1994. P.482.

²⁴ Bell, op.cit. p.71.

²⁵ Bowman e Rathbone, op.cit. p.115.

²⁶ Macmullen, op.cit. p.94.

²⁷ Millar, op.cit. p.8.

²⁸ Musurillo, op.cit. p.257.

²⁹ Macmullen, op.cit. p.84.

audiência pretendida eram os gregos de Alexandria, no entanto, pelos fragmentos terem sido encontrados nessa pluralidade de locais, deve-se falar numa circulação mais ampla, que visava alcançar, ao menos, os gregos das outras grandes cidades do Egito. Bell argumenta que grande descobertas de papiro em Oxirrinco mostram que lá havia uma grande quantidade de literatura grega disponível para o estudo e que deve ter se formado um grande público letrado³⁰. O fato de muitos fragmentos dos *Acta* terem sido encontrados na cidade sugere possíveis trocas entre sua elites e a de Alexandria. Musurillo sugere que alguns autores alexandrinos tenham se dedicado a “retocar” os relatos de tempos em tempos, daí a existência de várias versões de um documento. A semelhança entre os textos pode se justificar pelos relatos serem provenientes de um determinado círculo de Alexandria e se destinarem aos mesmos partidos interessados em Alexandria e dessas grandes cidades³¹.

Falar em propaganda anti-romana não significa falar em resistência violenta, assim, aparentemente os *Acta* visavam propagar idéias e se expandir em círculos reduzidos. No geral, qualquer forma de resistência aos imperadores era feita com cuidado. Era também geralmente expressa na forma escrita, pois a audiência a que se pretendia era a de homens letrados e das classes superiores. Assim, tinha uma pretensão mais simbólica que subversiva³². Por os *Acta* não incentivarem ações contra o Império, Lewis acredita que o objetivo da literatura era a leitura privada, que podia servir para expressar a raiva através da palavra e não da ação³³. Musurillo argumenta os *Acta* se destinavam aos homens influentes e orgulhosos de sua descendência grega e que visavam alimentar preconceitos já correntes em Alexandria e fazer com que os alexandrinos sentissem orgulho de um passado já irrecuperável³⁴. Na Antigüidade era muito comum que textos fossem usados para reforçar a união de certos grupos, a solidariedade entre seus membros para, com isso, conquistar legitimidade, através de uma série de artifícios³⁵. Os textos pretendiam algum tipo de propagação de idéias, já que no período romano a cultura escrita tinha atingido seu ápice como forma de regulamentar e ordenar a sociedade, apesar do acesso aos textos ainda ser privilégio de alguns³⁶. Assim, o fato de fazer esse tipo de idéia circular por escrito

³⁰ Bell, op.cit. p.81.

³¹ Musurillo, op.cit. p.274.

³² Macmullen, op.cit. p.36.

³³ Lewis, op.cit. p.201.

³⁴ Musurillo, op.cit. p.275.

³⁵ Idem, p.19.

³⁶ Alan K. Bowman. “O exército romano imperial” in: Alan K. Bowman e Greg Woolf. *Cultura escrita e poder no mundo antigo*. São Paulo: Ática, 1998. P.136.

demonstra um pouco a intenção desses grupos de expandir seus ideais de forma mais ampla, mesmo sem pretender a subversão.

Observamos que, analisar a época da composição dos textos, sua divulgação e popularização, é essencial para a compreensão da documentação de modo mais geral. Através disso, podemos tentar entender um pouco mais os interesses que estavam por trás da popularização de uma documentação, os jogos de poder que se articulavam no período, as idéias que os textos pretendiam enfatizar e realçar, enfim, o motivo de “existir” de um gênero aparentemente tão obscuro. Notamos então que uma interpretação mais rica pode ser realizada analisando a relação entre o contexto de criação da documentação e as idéias que ela realça. No caso dos *Acta* o objetivo é denunciar o poder romano como maléfico à cultura alexandrina e ao brilho que ela possuía, através da exaltação de seus heróis, da denúncia das autoridades romanas e da presença de elementos de origem não-grega como problemática na cidade. Isso seria feito também para que os membros do ginásio resgatassem seu antigo poder e prestígio fazendo circular idéias favoráveis a isso, ou seja, seria uma resistência ao poderio romano através da palavra.